

Sérgio Luís de Carvalho

**Nas Bocas do Mundo**

3.<sup>a</sup> edição

## Índice

Introdução . . . . .	9
EXPRESSÕES ORIGINÁRIAS DA ÉPOCA CLÁSSICA . . . . .	13
Coisas dos gregos . . . . .	15
Coisas dos romanos. . . . .	41
EXPRESSÕES ORIGINÁRIAS DA IDADE MÉDIA . . . . .	63
Coisas de reis, de nobres e de cavaleiros . . . . .	65
Coisas da justiça e da autoridade. . . . .	74
Coisas da religião . . . . .	79
Coisas da gente comum . . . . .	101
Coisas das artes e das letras . . . . .	112
EXPRESSÕES ORIGINÁRIAS DA ÉPOCA MODERNA . . . . .	119
Coisas de reis e de cavaleiros . . . . .	122
Coisas da religião . . . . .	129
Coisas de soldados e marinheiros . . . . .	135
Coisas de outros povos . . . . .	145
Coisas do dia-a-dia . . . . .	152
Coisas das artes e das letras . . . . .	164
Coisas de Lisboa e outras terras . . . . .	174

EXPRESSÕES ORIGINÁRIAS DA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA . . . .	179
Coisas da política . . . . .	182
Coisas de militares e da autoridade policial . . . . .	195
Coisas de ofícios e de técnicas. . . . .	203
Coisas do dia-a-dia . . . . .	210
Coisas da cultura, da comunicação e do desporto . . . . .	219
E o futuro? . . . . .	233
Índice remissivo . . . . .	241

## Introdução

Lembro-me de há alguns anos escutar o comentador político português Nuno Rogeiro a falar, na televisão, sobre o elevado número de estudantes estrangeiros em França, ao tempo motivo de controvérsia naquele país. Após analisar um pouco a questão e os problemas que daí recorriam, Nuno Rogeiro terminou a sua interessante intervenção com esta frase: «A presença de todos esses *metecos* é uma verdadeira *espada de Dâmoçles* sobre a democracia francesa.» Estas palavras ficaram-me gravadas. Perguntei-me quantas pessoas teriam percebido essa frase, decerto certa e culta, mas com um léxico quicá distante de muitos espectadores. Esta interrogação não me largou. Com o passar do tempo foi-se fortalecendo a ideia de recolher este tipo de frases feitas e de expressões correntes e de lhes descortinar a origem. Por que é que se diz «receber tratos de polé», «ir para o maneta», «dar o braço a torcer» ou «andar com o credo na boca»? Como se compreende que as palavras «assassino» e «haxixe» tenham a mesma origem? Por que se dirá «emprenhar pelos ouvidos»? Após vários anos de pesquisa, surgiu este livro.

Porém, creio dever salientar alguns esclarecimentos prévios. Antes do mais, o facto de este estudo não pretender ser um dicionário de expressões correntes com a simples explicação do seu significado; este estudo tenta ser, sobretudo, uma lista de expressões correntes com a explicação da respectiva origem histórica. Quando surgiram estas expressões? Como nos chegaram? Que histórias estão por detrás

da sua origem? É claro que o livro não esgota as expressões correntes que a língua portuguesa possui, aliás em grande quantidade; esta lista, necessariamente incompleta, está sempre aberta. Mas se for um contributo, ainda que modesto, para um melhor conhecimento da história dessas expressões, dar-me-ei por satisfeito.

Outro dado digno de nota é o facto de muitas das explicações aqui fornecidas serem duvidosas. A origem de muitas das expressões perde-se na noite dos tempos, e nem sempre é clara a sua génese. Ainda que a grande maioria das explicações que fornecemos esteja escorada nos estudos de alguns dos nossos melhores especialistas, outras explicações há que – assumo – podem ser discutíveis e/ou um pouco especulativas. Amiúde, ao longo deste livro, refiro esses casos. Mas mesmo que algumas explicações sejam discutíveis, poderão ser, ainda assim, uma decente base de trabalho.

Para além de expressões, também serão explicadas as origens de algumas palavras e termos hoje muito comuns. Por si só, não formam expressões correntes, é certo, mas entram neste breve estudo devido ao seu uso frequente no nosso idioma e – isto foi importante – terem também interessantes histórias na sua génese.

Decerto se notará que explicaremos, aqui e ali, a origem de termos ligados a alguns autores: kafkiano, quixotesco ou dantesco, por exemplo. Porém, só o faremos se esses termos remeterem para situações que transcendem a sua mera associação aos autores em causa. Por outras palavras, «dantesco», por exemplo, define uma situação, caracteriza algo; já «wagneriano» não surge nesta lista por se associar sobretudo ao estilo e à obra de Richard Wagner e não remeter tanto para uma situação específica.

Para facilidade de leitura decidi arrolar as expressões correntes pela ordem histórico-temporal da sua suposta origem. Assim, temos quatro capítulos que correspondem a outros quatro grandes períodos da História humana: Época Clássica, Época Medieval, Época Moderna e Época Contemporânea. Dentro de cada época procedemos a subdivisões temáticas para uma melhor compreensão da contextualização social, política e cultural de cada expressão registada. Em cada época agrupam-se as expressões que, supostamente, terão

nascido nessa altura. Casos haverá em que se não sabe bem se determinada expressão terá nascido nesse período histórico, o que, aliás, é sobretudo válido para expressões «mais antigas». Seja como for, tento sempre associar cada frase/expressão à época para a qual remete.

A recolha destas expressões e das respectivas explicações foi facilitada pelos vários estudos feitos desde há décadas por vários autores. A maioria das explicações avançadas para a génese das expressões tem por base, repito, esses estudos e esses autores. E se bem que este livro não pretenda possuir uma carga académica muito formal, já que se assume mais como obra de divulgação, não quis deixar de dar algumas referências a quem desejar aprofundar o assunto, lendo os principais mestres desta temática. Antes de mais, devemos salientar as obras de Orlando Neves, que há anos se vem dedicando a estas temáticas e de onde retirámos muitos e bons esclarecimentos. Mas outros autores deram também importantes e variados contributos, de que saliento, sobretudo, Roby Amorim, José Pedro Machado, Ladislau Batalha, Marina Tavares Dias, Maria Regina de Matos Rocha, José Mário Costa, Luís Miguel Pereira, António Nogueira Santos e António Mendes Nunes. Infelizmente, muitas das obras destes investigadores estão hoje esgotadas e fora de mercado, o que dificulta o seu acesso ao leitor comum. Que nos seja permitido um humilde apelo para uma reedição desses estudos; merecem-no estes autores e merece-o a língua e a cultura portuguesas. Refira-se ainda que várias expressões foram «repescadas» em velhos jornais de fins do século XIX e início do XX. E, neste caso, cumpre-me salientar os jornais de Bordalo Pinheiro (*O Antonio Maria* – 1879-1883 –, *Pontos nos ii* – 1885-1889 – e *A Paródia* – 1900-1905), que me forneceram pistas muitos reveladoras sobre o uso e origem de algumas expressões.

Para além destes autores, vários dicionários temáticos revelaram-se igualmente úteis, tais como dicionários de Mitologia, de História Clássica, colectâneas de mitos greco-romanos, dicionários de gíria e de calão, dicionários de linguagem desportiva, dicionários de termos náuticos ou militares, dicionários de Lisboa, dicionários de provérbios... Curiosamente, alguns estudos estrangeiros também se revelaram interessantes, já que forneceram pistas sobre frases feitas que